

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

114

INSCRIÇÕES 489 - 491



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2014

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO CERÂMICO COM DUPLO GRAFITO

No âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a efeito na Quinta de D. Pedro, na freguesia de São Manços, concelho de Évora, em Outubro de 2005, encontrou-se um minúsculo fragmento de cerâmica micácea, mal cozida, porventura de um *imbrex* já bastante rolado, que apresenta, em pequenos caracteres, inscrição em cada uma das faces, com a mesma orientação. A visibilidade dos caracteres evidenciou-se devido à acumulação de sujidade no interior dos sulcos, o que permitiu, como as fotografias documentam, a identificação de algumas letras que, pelo seu traçado (nomeadamente do E com as barras iguais), nos permite uma atribuição ao período romano, independentemente do contexto arqueológico do achado, que se data do século I. Designámos A a face que nos pareceu ser a externa, por estar alisada; e B a face interna, mais rugosa. Numeramos as linhas presentes, ainda que seja bem evidente que o texto – ou os textos – teriam, em cada face, continuidade em cima, à esquerda e à direita); a face inferior é, porém, a original, alisada e rectilínea.

Para análises mais aprofundadas, porventura sugeridas quer por esta nota quer, de modo especial, pelas fotos, propomos o depósito do fragmento no Museu da Luz (freguesia da Luz, concelho de Mourão).

Dimensões: (6) x (5,5) x 1,3.

Face A

[...] MIL [...] / [...] IMTOY [...] / [...] ICEXE [...] /
[...] NMO [...]

Face B

[...] CILIO [?] [...] / [...] AVITI [...]

Face A

Altura das letras: L. 2: I = 0,8; M = 2; T = 0,8; O = 6. L. 3: I = 0,6; C = 0,7; E = 0,8. L. 4: N = 0,7. Espaços: 1 = 0,6; 2 = 0,5; 3 = 0,6.

Face B

Altura das letras: 1. Espaços: 1: 0,5.

A gravação foi feita à mão levantada, usando finíssimo estilete, antes da cozedura. Escrita actuária, portanto.

Interpretámos como M um signo que mais parece ter sido um V onde se gravou um outro, mais pequeno, a unir os dois vértices; assim grafado, não se trata de uma letra habitual no alfabeto latino, onde, inclusive, a característica fundamental do M é ter, como se sabe, o vértice intermédio ao mesmo nível dos vértices inferiores. O T apresenta no vértice inferior minúsculo apêndice para a direita. Lemos Y a seguir ao pequeno O dessa linha 2 – eventualidade que poderá sugerir, se essa leitura se confirmasse, que estávamos diante de um ‘texto’ em caracteres maiúsculos gregos, hipótese que o inusitado grafismo da letra que vem depois do E da linha seguinte estaria a confirmar.¹ Lemos X, mui dubitativamente. A última linha não nos parece susceptível de oferecer dúvidas, embora do O haja apenas a metade.

Na face B, torna-se sedutora a probabilidade de aí estarem registados dois antropónimos: o primeiro da ‘família’ dos *Cilii*; o segundo, o genitivo de *Avitus*. Ver aí a identificação de um(a) indígena (indígena devido à frequência de ambos os nomes em tal contexto), não deixa, apesar de tudo, de ser arrojada.

Atendendo ao que fica escrito, não é possível garantir que os textos sejam um a continuação do outro ou se, ao invés, se trata de

¹ Mais aliciente ainda seria ver neste fragmento um possível *ostrakon*, com inscrição em grego, que foi, aliás, a primeira ideia que nos surgiu.

textos independentes. O mais normal será, no entanto, optar pela primeira hipótese, de interdependência.

Pelo contexto arqueológico em que foi encontrado, assim como pelo modo de gravação, o fragmento poderá atribuir-se, como se disse, ao século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
NUNO MIGUEL C. MOURINHA



1



2